

Salvar, saudar, citar¹

Simão Valente*

Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada

Resumo: Este artigo analisa a relação entre salvação, saudação e citação como formas de reconhecimento do outro e de construção da linguagem. Partindo da leitura de Jacques Derrida sobre o duplo sentido da palavra francesa *salut* (saudação e salvação) num poema-ensaio de Michel Deguy, que por sua vez se debruça sobre o papel de Beatriz na *Vita Nuova* de Dante, vemos como o gesto de Beatriz inaugura simultaneamente o amor, a poesia e a possibilidade de redenção. Em seguida, aproxima-se essa reflexão de um artigo de Antonio Gramsci, que interpreta um baralho de cartas patriótico para questionar a ideia de novidade histórica, recorrendo implicitamente ao verso de Giosuè Carducci: “ciò che fu torna e tornerà ne i secoli”. A análise evidencia como a prática da citação reconfigura sentidos ao longo do tempo e como a linguagem se renova resistindo às tentativas de inovação.

Palavras-chave: citação, saudação, Derrida, Deguy, Gramsci

Abstract: This article examines the relationship between salvation, greeting, and citation as forms of recognizing the other and constituting language. Drawing on Jacques Derrida's reading of the double meaning of the French word *salut* (“greeting” and “salvation”) in a prose poem by Michel Deguy, itself centred on Beatrice's role in Dante's *Vita Nuova*, it shows how Beatrice's greeting simultaneously inaugurates love, poetry, and the possibility of redemption. The discussion then turns to an article by Antonio Gramsci, who interprets a patriotic deck of playing cards to question the idea of historical novelty, implicitly invoking Giosuè Carducci's verse, “ciò che fu torna e tornerà ne i secoli”. The analysis highlights how citation transforms meaning over time and how language renews itself precisely through its resistance to attempts at innovation.

Keywords: citation, salutation, Derrida, Deguy, Gramsci

Interessa-me pensar a palavra “salvação”, em especial uma ambiguidade etimológica, isto é, a sua proximidade à ideia de saudação. Aprofunda-se essa linha de pensamento ao considerarmos o que há na saudação de interpelação ou chamamento: é gesto inaugural da entrada na linguagem através do reconhecimento do outro. O que agora vou expor parte desta reflexão inicial, declinada em dois aspetos: primeiramente, entre a teoria e a poética, veremos algumas propostas de Jacques Derrida para pensar a ideia de salvação/saudação, bem como outras que lhe estão contíguas, ou sobrepostas: falei já de interpelar ou chamar, mas consideraremos ainda a apóstrofe e a citação. Num segundo momento, partirei para um estudo de caso que tocará num artigo de jornal de Antonio Gramsci, intitulado “Os reis imortais”, publicado em abril de 1916 no *Avanti*, órgão oficial do Partido Socialista italiano; no poema de Giosuè Carducci, “Canto di marzo”, recolhido no volume *Odi barbare* de 1889; por fim, dois baralhos de cartas. Todas as traduções, quando as julguei necessárias, são da minha responsabilidade.

O ponto-chave na obra de Derrida para o tratamento da questão salvação/saudação é o estudo “Comment nommer”, publicado pela primeira vez num volume inteiramente dedicado à obra do poeta Michel Deguy, em 1995. Derrida trata em especial o poema-ensaio “Apparition du nom”, de 1966, que aborda a saudação de Beatriz a Dante que inaugura a *Vita Nuova*. A língua francesa é especialmente interessante para lidar com o problema da salvação, tendo em conta a ambiguidade do termo *salut*, que significa simultaneamente salvação e saudação. Leiamos um excerto de Deguy:

Béatrice est le salut, dans la secrète, la singulière bivocité de ce mot. Elle est celle qui salue, dans la Vita Nova, celle qui sauve dans la Comédie. (...) *La Vita Nova (sic)* est ce livre écrit pour fonder le double sens du *salut*. (...) Béatrice est ce nom qui a reçu visage pour que sa vérité fût entendue, c’est-à-dire pour un poète, car il est celui qui a passion de l’étymon, celui pour qui le son, le sens, le nom, l’apparition, ne sont qu’un, à savoir: ce qui est là, présent dans sa présence.

[Beatriz é *salut*, na secreta, na singular bivocidade desta palavra. É aquela que saúda na *Vita Nova*, que salva na *Comédia*. (...) *La Vita Nuova* é esse livro que é escrito para fundar o duplo sentido do *salut*. (...) Beatriz é o nome que recebeu um rosto para que a sua verdade fosse ouvida, isto é, para um poeta, pois é ele quem tem a paixão do étimo, aquele para quem o som, o sentido, o nome, a aparição são um só, ou seja: aquilo que está lá, presente na sua presença.] (Deguy 1966: 245-246)

La Vita Nuova é a história do nascimento de um amor e de uma vocação poética, quando pela primeira vez a amada reconhece a presença do poeta, saudando-o. Começa aí a nova vida de Dante, enobrecido pelo conhecimento do amor, que é também um conhecimento da linguagem que o articula. Aqui reentramos em

território mais familiar, de pendor teológico, pois a salvação em causa é também a da alma de Dante: através do amor a Beatrice conhecerá o amor divino. É através de Beatrice, que assim é chamada porque concede a beatitude, como sugerido ainda em *La Vita Nuova*, que Dante encontra a capacidade de contar em poesia a história dessa salvação. Isto traz um problema que encontro na origem do uso da expressão “salvação do mundo”: o cariz subjetivo, personalista da ideia de salvação conforme filtrada e estruturada pelo pensamento cristão, sendo paradigmática a história da salvação de Dante, um indivíduo, em *La Vita Nuova* e na *Comédia*. Vejamos a leitura que Derrida faz de Deguy:

Mas tal *salut* não foi apenas um ato da *Vita Nuova*. Terá sido (...) uma fundação da *Vita Nuova*, na verdade uma dupla fundação. (...) O *salut* terá fundado a *Vita Nuova*, que por sua vez terá fundado o *salut*, e tê-lo-á fundado ao fundir o *salut* consigo mesmo, na nomeação do nome, o duplo sentido da palavra “salut”, a saudação que se dirige ao outro e a salvação que salva: o *salut* no *salve* da apóstrofe (...) até mesmo no brinde (recorde-se os brindes de Mallarmé aos seus amigos poetas), e, por outro lado, o *salut* da salvação. (Derrida *in* Deguy 2005 194)

A questão do brinde alarga a palavra da “saudação”: dos limites que são um sujeito que saúda e outro que é saudado para a possibilidade de saudar algo mais amplo, envolvendo ainda uma comunidade de saudantes, ou seja, o que ocorreria se vos sugerisse agora um brinde ao mundo, ou a nós. Daqui pode sair-se da salvação como relação estritamente intersubjectiva para algo mais alargado. Tal aparenta ser a pista seguida por Derrida noutros textos, com maior fortuna crítica, como é o caso de *Politiques de l'amitié* (1994), em especial na sua leitura da citação de uma apóstrofe que Montaigne faz no canónico ensaio “Da amizade”: “O mes amis, il n'y a nul amy”. Montaigne afirma que a sua fonte é Aristóteles, que por sua vez teria citado a frase de uma outra fonte, não nomeada (Derrida 1994: 18).

Para além da desconstrução da ideia de amizade que estas palavras permitiram a Derrida, sublinhando em especial os paradoxos da reconciliação entre indivíduo e coletivo em sociedades democráticas, parece-me especialmente útil sublinhar hoje o gesto de interpelação que aqui ocorre sob a forma da citação de uma apóstrofe. A apóstrofe, para Derrida, é um gesto dramático que evidencia a singularidade do outro: dirijo-me a ti, em especial, e a mais ninguém. Nisto, voltamos ao problema da subjectividade da salvação, que vimos acima.

Noutros pontos desse livro, comentando “o mes amis il y a nul amy”, o autor aponta para outros autores que por sua vez citaram e trabalharam a expressão, como é caso de Kant ou Nietzsche. Derrida descreve essa prática da citação como uma saudação, um *salut*, que constrói uma linhagem intelectual de amigos (Derrida 1994: 57). Este é o cerne do meu argumento, trazendo a ideia de salvação para a esfera

da linguagem: citar enquanto saudar enquanto salvar. Contudo, devemos defrontar um problema: não há registo da ocorrência de tal passagem em Aristóteles, não se podendo tão-pouco encontrar um autor original. A formulação pode bem ser do próprio Montaigne. Temos assim uma citação de uma citação, uma saudação de uma saudação, uma salvação de uma salvação, mas na sua base um vazio de texto, de sujeito, de mundo que não aquele criado pelo ato do *salut* em si. Isto é Derrida puro, e uma consequência logicamente possível e aceitável do recentramento na linguagem que presidiu à minha abordagem inicial ao problema da salvação. Ficamos com uma salvação que salva unicamente o ato de salvar. Talvez isso baste, e já não seja pouco. Haveria mais a dizer pela via derridiana, mas receio que um afastamento total do que possa ser um mundo a salvar desvirtue a produtividade que esta reflexão possa ter. Parto assim para outras citações e saudações, onde haja mais mundo, com implicações mais diretas para o tempo em que vivemos.

Em primeiro lugar, é proveitoso ler parte do artigo “I re immortalì”, de Antonio Gramsci, publicado a 30 de abril de 1916 na coluna que o autor mantinha no *Avanti*, com o título “Sotto la mole”. O jornal em causa tinha a sua sede em Turim, detalhe importante para compreendermos outra ambiguidade feliz: a palavra “*mole*”, que pode significar um edifício monumental, no caso a Mole Antonelliana, marco arquitetónico da cidade onde o jornal era publicado, construída entre 1863 e 1889, rapidamente se tornando em símbolo do processo de industrialização do norte de Itália. Outro significado de “*mole*” é uma massa/peso, ou grande quantidade de pessoas, coisas ou ideias, em especial no sentido da massa proletária ou do povo. Assim, “Sob a *mole*” compreende tanto o edifício em causa, incluindo a sua dimensão simbólica e histórica, como o peso dessa ideia, tendo-lhe subjacente a classe operária que a construiu e que está a ser criada na Itália do período. O artigo em causa começa com a análise de um baralho de cartas:

Scorro distrattamente con gli occhi il nuovo mazzo di carte. Eleganti, lussuose, spiritose anche in qualche pupazzetto che esce dal convenzionale della passione politica del momento. Un foglietto che le avvolge avverte che esse 'ono l'ultimo ritrovato del patriottismo, un episodio della buona battaglia, e afferma: è la prima volta che un tentativo del genere, ecc. Santa illusione di chi non vede oltre la propria scalmana e c'ede d'aver trovato in un mazzo di carte la leva per rivoluzio'are l'umanità! Ma non esageriamo, via! Ciò che fu torna e tornerà nei secoli, e la nostra debolezza crede che sia nuovo, originale, uscito allora allora dalla matrice infuocata della fantasia creatrice. Eppure le cronache dicono...!

[Percorro distraidamente com os olhos o novo baralho de cartas. Elegantes, luxuosas, divertidas até em alguma figura que foge ao convencional da paixão política do momento. Um folheto que as envolve adverte que são a mais recente expressão do patriotismo, um episódio da boa batalha, e afirma: é a primeira vez que uma tentativa deste tipo, etc.

Santa ilusão de quem não vê para além da própria exaltação e acredita ter encontrado num baralho de cartas a alavanca para revolucionar a humanidade! Mas não exageremos, ora! O que foi torna e tornará nos séculos, e a nossa fraqueza crê que isso seja novo, original, saído agora agora da matriz enchamejada da fantasia criadora. E, no entanto, as crônicas dizem...! (Gramsci 1960: 129-130)

Este é o folheto do baralho em questão. Trata-se de uma edição do Istituto Editoriale Italiano, com ilustrações de Enrico Sacchetti (1877-1967), artista gráfico que fará carreira no desenho para a imprensa e propaganda:



Fig. 1: Enrico Sacchetti, *Le carte da giuoco nazionali*, Istituto Editoriale Italiano, 1916.

O texto alinha-se com a descrição de Gramsci: a temática é sem dúvida patriótica, dado que os naipes são os poderes beligerantes na Primeira Guerra, mas temos também o discurso da novidade e o facto de o último parágrafo sublinhar a questão das semelhanças entre os reis das cartas e os monarcas europeus que retratam.

A reta final da passagem de “I re immortali” abre a dimensão histórica do comentário feito: a partir de um romance de Anatole France, *Les dieux ont soif* (1912), ambientado nos anos da Revolução Francesa, sob o governo do Comité de Salut Publique, Gramsci recorda a tentativa falhada que então teve lugar no sentido de substituir o maço francês clássico, base daquele que todos nós conhecemos, por um maço revolucionário, republicano, sem reis nem rainhas, espadas ou copas, no seu lugar virtudes, igualdades e *sans-culottes*. Eis o dito baralho:



Fig. 2: Nouvelle cartes de la République Française, por JeanDémsthène Dugourc, 1793.

Da revolução como vida nova, uma salvação de um mundo que implica o seu fim, já outros trataram no seminário que deu origem a este texto. É um *topos* que ressurgue aqui, sob forma pessimista quanto a tais ambições. Esse eterno retorno da fé no novo é resumido lapidarmente por Gramsci numa fórmula: “ciò che fu torna e tornerà nei secoli”. Notemos o ritmo da versificação. Creio tratar-se de uma citação velada de Giosuè Carducci, classicista, autor na tradição da poesia cívica italiana, e figura-chave da transição para o século XX. Gramsci altera apenas a grafia da contração da preposição “in” e do artigo definido masculino plural “i”, preferindo o regular “nei” ao invés da escolha de Carducci “ne i”, que enfatiza a separação silabar de forma a evidenciar o metro do verso em questão: o fechamento do poema “Canto di marzo”, do livro *Odi barbare*, de 1889. O contributo desta obra para a tradição poética italiana consiste no emprego de métrica e versificação latinas na escrita em vernáculo, um regresso ao passado como experimentação formal, em tom polémico, abrindo passo ao que acontecerá de modo ainda mais dramático com o modernismo, em especial com o futurismo de Marinetti e afins. Vejamos as estrofes mais importantes desse poema:

Quale una incinta, su cui scende languida
languida l'ombra del sopore e l'occupa,
disciolta giace e palpita su 'l talamo,
sospiri al labbro e rotti accenti vengono
e súbiti rossor la faccia corrono;

tale è la terra: l'ombra de le nuvole
passa a sprazzi su 'l verde tra il sol pallido:
umido vento scuote i pèschì e i mandorli
bianco e rosso fioriti, ed i fior cadono:
spira da i pori de le glebe un cantico.

(...)

Ecco l'acqua che scroscia e il tuon che brontola:
porge il capo il vitel da la stalla umida,
la gallina scotendo l'ali strepita,
profondo nel verzier sospira il cúculo
ed i bambini sopra l'aia saltano.

Chinatevi al lavoro, o validi omeri;
schiudetevi a gli amori, o cuori giovani;
impennatevi a i sogni, ali de l'anime;

irrompete a la guerra, o desii torbidi:
ciò che fu torna e tornerà ne i secoli.

[Qual uma grávida, a quem descende lânguida
lânguida a sombra do sopor, e a ocupa,
deliquada jaz e palpita sobre o tálamo,
suspiros no lábio e quebrados sons vêm
e súbitos rubores o rosto percorrem,

tal é a terra: a sombra das nuvens
passa aos rasgos sobre o verde entre o sol pálido:
húmido vento sacode pessegueiros e amendoeiras
floridos de branco e vermelho, e as flores caem:
expira dos poros das glebes um cântico.

(...)

Eis a água que cai e o trovão que ronca:
levanta a cabeça o vitelo no curral húmido,
a galinha sacudindo as asas estrepita,
no fundo do vergel suspira o cuco,
e os meninos pela eira saltam.

Inclinaí-vos ao labor, ó válidos úmeros;
abri-vos aos amores, ó corações jovens,
alçai-vos aos sonhos, asas das almas;
irrompei em guerra, ó desejos turbados:
o que foi torna e tornará nos séculos.]
(Carducci 2007: 258-259)

É uma celebração da primavera, do seu papel regenerador no ciclo natural das estações, das águas de março que setentrionalmente fecham o inverno. Em *Odi barbare*, o poema que se segue tem o título “Saluto d’autunno”, saudação de outono, descrito por Mario Martelli como um “contraltar” a “Canto di marzo” (Martelli 1995: 12). Seduz-me o uso desta expressão por reforçar o que vejo de saudação no primeiro poema, com a lógica de diálogo ou resposta que presume. A estrofe final é disso maior exemplo, com a sequência de apelos a ações especificamente humanas, redirecionados pelo uso de sucessivas apóstrofes a vários interlocutores, que, na sua enumeração, se acumulam numa totalidade do que é ser humano. Com a tónica

colocada na representação da natureza, em especial plantas e animais, ao longo das primeiras estrofes, o verso final reintegra o humano no natural.

A terra, grávida que aguarda o rebentar das águas que permitirá o parto da nova vida, dá vida nova tanto a galinhas como a corações. Aqui está também algo da novidade de Carducci: com o seu regresso ao passado, rompe com a tradição da *donna* salvífica, a mulher que salva, nos moldes de Dante, e depois Petrarca. Nos poemas de Carducci de temática amorosa, a figura feminina oscila entre uma função de musa clássica ou de ponto de reflexão sobre a quotidianidade do amor e as belezas do mundo, longe de uma qualquer ideia de salvação, e da dimensão eminentemente personalista desse conceito com o seu lastro cristão. Em “Canto di marzo”, junto com o apontamento da aia, temos uma feminização da terra que se circunscreve a uma dimensão física, exclusivamente corpórea na metáfora da gravidez. Também aqui, para além da forma, temos traços de um materialismo pagão que reconhecemos em Nietzsche ou, mais perto de nós, em Caetano de Almeida, no verso “Creio no mundo como num malmequer” (Pessoa 2020: 17).

Regressando ao artigo no *Avanti*, “Cio che fu torna e tornerà nei secoli” é assim uma citação que causa vários desconfortos: sem atribuição, mas com um original retraçável, é o oposto de “O mes amis il y a nul amy”: em Gramsci salvava-se o ato de salvar; pergunto-me se em Montaigne há qualquer tipo de salvação, quando nem se nomeia quem seria salvo. Esse silêncio permite a Gramsci caracterizar com as palavras que já não são de Carducci o eterno retorno da recusa do passado, a arrogância de um presente que se crê inteiramente novo, a vida que se crê nova quando é sempre velha. Não há salvação em Gramsci, porque, apagando o mundo natural de Carducci, transforma-o em História, um produto humano condenado à repetição de uma repetição, como a citação de uma citação de Derrida. Tão-pouco há salvação em Carducci, porque o mundo que ali retrata regenera-se perpetuamente, sem necessidade de beatitude outra que aquela que deriva do seu próprio funcionamento: os úteros, os corações, as almas, os desejos, farão como sempre fizeram, porque não podem fazer de outro modo.

O último parágrafo de “I re immortali” dá uma explicação para a revolução falhada do baralho de 1793:

Hanno un loro linguaggio le vecchie carte, che richiamano le miniature medioevali con le effigi dei re longobardi, e nulla oppone tanti ostacoli alle innovazioni quanto il linguaggio.

[Têm uma sua linguagem as velhas cartas, que remetem para as miniaturas medievais com as efígies dos reis longobardos, e nada opõe tantos obstáculos às inovações como a linguagem.] (Gramsci 1960: 130)

Foi a recalcitrância da linguagem que me conduziu a este aparente impasse. O paganismo de Carducci levanta a possibilidade da regeneração, sedutora no seu ultrapassar o personalismo de Beatriz e Dante, e na sua inclusão de uma agência humana alinhada com o ritmo e cadência da natureza – ritmo e cadência hoje em risco; mas se em Carducci “ciò che fu torna e tornerà ne i secoli” significava uma coisa, vimos que em Gramsci significava outra. Podemos ler talvez uma terceira coisa, autorizados pelos dois pontos que precedem a transição da sucessão de apelos e apóstrofes para o verso final: o eterno retorno do apelo que nos é apostrofado, como a citação de uma citação, que nos convida por nossa vez a citar, a apostrofar, a apelar a uma forma de ação eminentemente material. Regenerando-se assim a linguagem, regenerar-se-á o mundo? É um lugar comum citar Gramsci como autor da máxima de ação política: “pessimismo da inteligência, otimismo da vontade.” Tendo efetivamente utilizado variações dessa expressão em vários discursos, a fonte original é Romain Rolland, numa resenha a *Le sacrifice d'Abraham* (1919) de Raymond Lefebvre, publicada na edição de *L'Humanité* de 19 de março de 1920. Gramsci referencia Rolland devidamente na primeira ocorrência de tal ideia num artigo no semanário *L'Ordine nuovo*, “Discorso agli anarchici”, edição de 3 a 10 de abril de 1920, publicado 4 anos depois de “I re immortali”. Rolland foi, entretanto, esquecido. Saúdo-o, como Gramsci já o fez, otimista no que a citação possa fazer enquanto apelo.

Notas

* Simão Valente (1987) é professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Trabalha sobretudo nas áreas de Literatura Portuguesa e Comparada. Atualmente prepara traduções de Boccaccio e Petrarca, bem como uma monografia sobre migrantes e o imaginário da nação de Gil Vicente a Garrett.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/00500/2025 | DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>).

Bibliografia

- Carducci, Giosuè (2007), *Poesie*, ed. William Spaggiari, Milão, Feltrinelli, ebook.
- Deguy, Michel (1966), *Actes*, Paris, Gallimard.
- Derrida, Jacques (1994), *Politiques de l'amitié*, Paris, Galilée.
- Derrida, Jacques (2005), "How to name", trad. Wilson Baldrige, in Michel Deguy, *Recumbents: Poems*, Middletown, CT, Wesleyan University Press.
- Gramsci, Antonio (1960), *Sotto la Mole 1916-1920*, Turim, Einaudi.
- Martelli, Mario (1995), "«Odi barbare» di Giosuè Carducci", in *Letteratura Italiana Einaudi. Le Opere*, vol. III, org. Alberto Asor Rosa, Turim, Einaudi. Versão digital.
- Pessoa, Fernando (2020), *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, INCM.